

O FENÔMENO DA EDUCAÇÃO NA CONSTRUÇÃO DA HISTÓRIA

*Genaro Alvarenga Fonseca**
*Vânia de Fátima Martino***

Resumo: Os princípios da Educação surgiram como norteadores dos direcionamentos da construção da civilização interferindo inclusive nos rumos da História. Na antiga Grécia todo ideal de cidadania refletia-se no que chamavam de Arete, ou seja, a virtude que todo cidadão deveria cultivar. A partir das reflexões dos primeiros pensadores e filósofos chegou-se a conclusão que este ideal não era apenas inato, mas deveria ser ensinado. O nascimento da Paidéia na antiga Grécia demarcou o primeiro degrau no campo da Educação representando desta forma seu significado primordial. A partir daí a própria denominação Paidéia foi de certa forma adulterada para “Pedagogia”, quando a ideia original de formação de pensamento de homens livres foi sendo paulatinamente substituída pela prática de conduzir as gerações futuras.

Palavras-chave: Pedagogia; educação; filosofia, Grécia antiga; história.

Abstract: The axioms of Education emerged as guiding directions to the civilization building, interfering even in the course of History. In ancient Greece every ideal of citizenship was reflect in what they called *Arete*, in other words, the virtue that all citizen should cultivate. From the reflections of the first thinkers and philosophers,

* Professor do Departamento de Educação, Ciências Sociais e Políticas Públicas – UNESP campus de Franca.

** Professora do Departamento de Educação, Ciências Sociais e Políticas Públicas – UNESP campus de Franca.

was reached the conclusion that this ideal was not only innate, but should be thought. The birth of the Paideia in the ancient Greece defined the first step of the Education field representing, thus, its primordial meaning. From there the name Paideia itself was, somewhat, adulterated to “Pedagogy”, while the original idea of thinking construction of freeman was gradually replaced for the practice of conducting the future generations.

Keywords: Pedagogy; education; philosophy; ancient Greece, history.

Resumen: Los principios de la Educación surgieron como guías de la construcción de la civilización, interfiriendo incluso en el curso de la Historia. En la antigua Grecia, todo ideal de ciudadanía expresábase en la llamada Arete, es decir, la virtud que todo ciudadano debía cultivar. A partir de las reflexiones de los primeros pensadores y filósofos se alcanzó la conclusión que este ideal no era solo innato, sino que también debería ser enseñado. El nacimiento de la Paideia en la antigua Grecia señaló el primer paso en el campo de la Educación, representando su significado primordial. A partir de ahí, la propia denominación Paideia fué de alguna manera adulterada para “Pedagogía”, cuando la idea original de formación de pensamiento de hombres libres fué gradualmente reemplazada por la practica de conducir generaciones futuras.

Palabras clave: Pedagogía; educación; filosofía; Grecia Antigua; historia.

Introdução

Referindo-se ao tema Educação, reporta-se à categoria de “Fenômeno”, com o intuito de explicitar que a perspectiva educacional é inerente ao chamado “espírito humano”. O epíteto “humanidade” é, pois, atribuído mediante características que constituem os princípios elementares do “ser” homem. Sabe-se que estes princípios fundamentais não são inatos; assim, desde a aurora da humanidade os homens são “educados” para serem homens dentro de seus sistemas de vida social e cultural. Esta discussão torna-se mais aguçada se questionar-se o conceito de formação do “espírito humano”, que, por sua vez, envolve uma intrincada rede de significados e combinações, pois quando se refere a “humanidade”, isto não só implica no existir solitário do homem, mas alude ao significado de sua vida com outros homens e todas as implicações que daí surgem.

As discussões que envolveram esta questão existencial floresceram inicialmente na Grécia Antiga, quando os homens livres questionavam sua real participação no mundo sem a intervenção direta de seus deuses. Este período histórico demarca a

consciência diante da liberdade de pensamento. A partir do momento em que o homem tomou para si a responsabilidade de seus atos e a consequente implicação destes em seu meio, estabeleceram-se princípios norteadores para que se pudessem preservar seu bem mais precioso: a liberdade.¹

A complexidade do sistema social ultrapassa os limites estritos da sociologia para estender-se em uma espécie de “*ontologia social*”, na qual os limites da vida individual se fundem indelevelmente com a vida social e a partir daí criam um terceiro sistema vital e assim sucessivamente. Dilthey afirma o seguinte:

El punto de partida para la comprensión del concepto de sistemas de la vida social lo constituye la riqueza vital del individuo mismo, que, como elemento de la sociedad, es objeto del primer grupo de ciencias. Imaginemos primero esta riqueza vital de un individuo dado como completamente incomparable con la de otro e intransferible a este. Entonces estos individuos podrían dominarse y subyugarse mutuamente por la fuerza física, pero no poseerían ningún contenido común: cada uno estaría encerrado en sí mismo frente a todos los demás. De hecho, en absoluto en una coordinación semejante de sus actividades con otros. Lo que en la plenitud vital del individuo está condicionado por este punto no entra en ninguno de los sistemas de la vida social. La semejanza de los individuos es la condición para que exista una comunidad de contenido en su vida. (DILTHEY, 1980, p. 101)

Ser senhor das próprias decisões não é tarefa fácil, quiçá nem tão desejada; os poderosos sistemas teocráticos da Antiguidade, com exceção dos gregos, protegiam o homem de si mesmo. Assim, pode-se aceitar o pensamento helênico como um marco da tomada de consciência da humanidade. Contudo, quando outro forte sistema teológico – ou seja, o cristianismo – dominou o mundo ocidental (efetivamente a partir do século V da nossa era), a discussão sobre a liberdade do “espírito humano” tornou-se secundária, sendo retomada somente no século XIX, com o pensamento idealista alemão. Tem-se, portanto, um gigantesco hiato que somente há pouco mais de um século ousou-se preencher com ensaios de livre pensamento. O próprio conceito de liberdade tornou-se dúbio por mais de um milênio; os sistemas políticos e religiosos sempre funcionaram como aparelhos controladores e formadores de pensamentos, como nos lembra Althusser. Durante séculos, o homem viveu comodamente sob uma espécie de liberdade assistida e contentava-se plenamente com esta situação. Em alguns momentos revolucionários a paz de pensamento era perturbada, mas, com alguns ajustes, a ordem sempre retornava.

¹ Esta afirmação não se reporta aos conceitos contratualistas do Iluminismo, mas sim ao questionamento das relações entre o homem como ser social e o livre pensamento.

No que consiste, pois, a chamada liberdade de pensamento? É um estado de espírito? Uma ausência de inquietações? O direito de seguir os próprios conceitos? Todos estes questionamentos apenas comprovam que a tese da liberdade pode ser facilmente fabricada e embutida na estrutura de pensamento de qualquer sistema social e cultural. Contudo, ao longo da história pode-se citar vários casos de livres pensadores que ousaram perverter a ordem do “reto pensar”. O exemplo mais clássico é o de Sócrates, quando foi acusado e condenado por corromper a juventude. Nas palavras de Meleto: “Sócrates é réu de haver-se ocupado de assuntos que não eram de sua alçada, investigando o que existe embaixo da terra e no céu, procurando transformar a mentira em verdade e ensinando-a às pessoas.” (PLATÃO, 1999, p. 68)

Nota-se, dada a severidade da condenação de Sócrates, a existência de “nichos” de pensamento que devem permanecer intocados nas sociedades; neste caso, questioná-los torna-se verdadeiro tabu. Frequentemente estes valores são sustentados por um “arcabouço epistemológico” que representa o conjunto de conhecimentos apresentados como verdadeiros, compatíveis com a natureza da sociedade em questão; por conseguinte, são muitas vezes também amparados por um sistema religioso, visto que em um primeiro momento Sócrates foi acusado de ateísmo.

Sem querer adotar o caminho do velho mestre, Platão vale-se de alguns estratégias para burlar a vigilância “ideológica” da época:

Daí, as cautelas de Platão, quando da fundação da academia, para obter o beneplácito das autoridades competentes. Por isto mesmo deu à nova instituição o caráter de confraria religiosa, dedicada às nove Musas, e sob a direção permanente de um escolarca, ele próprio enquanto viveu. Por disposição testamentária sucedeu-lhe no cargo seu sobrinho Espeusipo, que iniciou suas atividades mandando colocar no Jardim da academia as estátuas das Três Graças. (NUNES, 1980, p. 8)

Sabe-se, portanto, que o crime maior de Sócrates foi “contaminar” a juventude, ou seja, perverter os valores e conhecimentos já consolidados pela cultura da época, sendo que sua maior, senão única arma, seriam as palavras expressas por meio dos **Diálogos** de Platão. O mestre contrapõe novos conhecimentos, ou melhor, um novo olhar aos conhecimentos que seus jovens discípulos já possuíam. Em toda a obra **Diálogos** vê-se que Sócrates realiza uma constante contraposição de argumentos e ideias às “verdades” de seu tempo. Assim, percebe-se claramente a sobreposição de “sistemas educativos” em um embate dialético, no qual os argumentos socráticos, em sua simplicidade desconcertante, expunham as contradições de conhecimentos até então apresentados como inabaláveis. Conclui-

se, portanto que o ato mais nocivo não foi questionar o saber antigo e aceito, mas proporcionar às novas gerações a possibilidade de ver o mundo de outra forma e, desse modo, elaborar suas próprias indagações. Platão demonstra isso na metáfora do Mito da Caverna.

Diferentes visões provocam diferentes pensamentos e, conseqüentemente, novas interpretações da realidade; contudo, as estruturas mentais previamente estabelecidas são bastante resistentes a mudanças bruscas. A realidade que é paulatinamente construída serve-se destas estruturas socialmente “confiáveis” e aceitas TM afinal, a realidade é o que se vê e percebe. Destarte, chega-se a conclusão que o conhecimento do mundo é o próprio mundo, pois o homem enxerga-o e percebe-o a partir de si mesmo; este “si mesmo” constitui-se daquilo que o ser humano conhece e traça em uma constante relação entre si e o mundo. Merleau-Ponty afirma o seguinte:

Todo pensamento de algo é ao mesmo tempo consciência de si, na falta do que ele não poderia ser objeto. Na raiz de todas as nossas experiências e de todas as nossas reflexões encontramos um ser que se reconhece a si mesmo imediatamente, porque ele é seu saber de si e de todas as coisas, e que conhece sua própria existência não por constatação e como um fato dado, ou por uma inferência a partir de uma idéia de si mesmo, mas por contato direto com essa idéia. A consciência de si é o próprio ser do espírito em exercício. (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 496)

Desta forma, todo o intrincado processo que leva o indivíduo a acessar o conhecimento sempre foi historicamente bem cuidado pelas diferentes culturas, pois isto representava a preservação e manutenção de seu *status quo*; em última instância, o domínio das fontes do conhecimento sempre esteve associado à detenção do poder, seja ele político, religioso, ideológico etc. Admite-se, portanto, a importância do direcionamento deste processo, inclusive como sistema de controle social. Como afirmou-se anteriormente, várias culturas delegam aos deuses a fonte do conhecimento por meio de revelações e oráculos, porém os gregos, que ousaram elaborar sua própria maneira de descobrir e explicar o mundo, destituíram as explicações metafísicas da laboração do conhecimento. Sob esta perspectiva, porém, necessitava-se elaborar um sistema eficaz de aquisição e transmissão de conhecimentos. Assim, pode-se dizer que surgia, neste momento, mesmo que de maneira tímida, uma ciência pedagógica, pois já estava reconhecida a importância da formulação de questionamentos em detrimento dos saberes dogmáticos.

O saber elaborado no bojo da visão do cotidiano constitui a formação da própria essência da civilização e da identidade íntima do indivíduo. Hegel afirma que é o chamado “espírito humano” que constitui a espinha dorsal das civilizações e direciona o curso da história. Assim, o conhecimento e suas formas de aquisição

e difusão tornam-se o verdadeiro patrimônio cultural das civilizações; daí o controle de sua produção, que evidentemente representa a mola mestra do direcionamento das ações humanas ao longo de sua existência. A questão da formação do indivíduo é, em primeira e em última instância, o ponto chave da constituição do próprio conceito de humanidade entendida como sua característica *a priori*. O pensador contemporâneo Gadamer afirma:

Cada indivíduo em particular que se eleva de seu ser natural a um ser espiritual, encontra no idioma, no costume, nas instituições de seu povo uma substância já existente, que, como o aprender falar, ele, terá de fazer seu. É por isso que cada indivíduo em particular já está sempre a caminho da formação e já sempre a ponto de suspender sua naturalidade tão logo o mundo em que esteja crescendo seja um mundo formado humanamente no que diz respeito à linguagem e ao costume. Hegel acentua: nesse seu mundo um povo deu-se existência. Ele trabalhou a partir de si mesmo e extraiu de si, o que ele é em si. (GADAMER, 1997, p. 54)

Ao voltar-se a questão inicial da associação do conceito de Educação como Fenômeno Humano², pode-se afirmar que o “espírito humano” é construído pela educação, e esta, por sua vez, segue os direcionamentos do sistema social vigente. O que se almeja investigar mais profundamente, no entanto, é a natureza *a priori* do questionamento do homem em busca da verdade, tal como Sócrates preconiza no diálogo *Teeteto*³; neste aspecto, a Educação apresenta-se apenas uma parte do processo, pois o verdadeiro conhecimento não é simplesmente adquirido definitivamente, mas é eternamente almejado. Os sistemas educativos comprometidos com a verdade reconhecem este dilema e, inclusive, preconizam em seus pressupostos teóricos a limitação epistemológica que a própria ciência da Educação possui em relação à conquista da verdade absoluta, pois, do contrário, cairia em um ciclo vicioso de dogmatismo.

Educação formadora de cidadãos

A formação do povo grego percorreu um longo e tortuoso caminho até o triunfo do helenismo. O “espírito” helênico desde seus primórdios calçou-se basicamente sobre dois conceitos fundamentais: Educação e urbanidade⁴. Os gregos, tradicio-

² Tomou-se a liberdade de utilizar o termo “Fenômeno Humano” originalmente cunhado por Teilhard Chardin em sua obra homônima: CHARDIN, T. **O Fenômeno humano**. Porto: Tavares e Martins, 1970.

³ Neste diálogo, Sócrates afirma que a busca pela verdade é uma forma confiável e honesta de conhecimento, pois a verdade suprema não é alcançável.

⁴ O conceito de cidade para o homem grego supera a idéia de simples aglomeração urbana com finalidade social e econômica, a pólis representava a concretização de todas as suas aspirações. Segundo Rodrigues: “Três grandes princípios presidem à formação da pólis: *eleuteria* (independência), *autonomia* (poder próprio) e *autarquia* (autogestão). A cidade era tudo para o cidadão grego. O verbo *politeyesthai*, que significava tomar parte nos negócios públicos, também significava viver. No fundo a polis é uma idéia supratemporal, que não depende nem mesmo de um ponto geográfico” (RODRIGUES, 1988, p. 76)

nalmente elitistas e auto-denominados superiores, sempre fizeram questão de afirmar a superioridade de sua cultura sobre os demais povos de seu tempo; enxergavam seus vizinhos frequentemente como “bárbaros”, ignorantes ou demasiadamente superstiosos e, portanto, incapazes de ver claramente o mundo que os cercava.⁵ O conceito de Educação na Grécia antiga desenvolveu-se paralelamente ao de urbanidade, em função do incremento da vida social. A complexidade da vida na Grécia clássica exigiu um processo de formação diferenciado entre os membros da sociedade. Os estrangeiros, camponeses e escravos que povoavam as cidades gregas exerciam funções delimitadas à sua condição, já os cidadãos exigiam um processo de formação muito mais elaborado, cuja finalidade incluía a preservação dos valores que caracterizavam sua própria identidade cultural.

A formação da cidadania sempre foi um problema complexo em todas as sociedades. Ser cidadão não é o mesmo que ser um membro do clã, pois esta condição exige participação consciente na tomada de decisões que assinala os rumos da civilização. Sua formação é, portanto, crucial e demandada pelo próprio contexto de seu tempo. O sistema de “*castas*” nobres da Grécia arcaica já não mais satisfazia a sociedade politizada do século V. A estruturação da pólis grega calçou-se sob um sistema social urbano legitimado por seus cidadãos conscientes de seu papel social e de todas as implicações que daí viriam. Este “papel social” consistia basicamente em exercer a cidadania de acordo com a Arete, ou seja, a representação de todo ideário de virtudes esperadas de um cidadão grego⁶. Os princípios da Arete já podiam ser vistos nos versos de Homero, nos quais se expunha um código de honra e virilidade dentro de um ideal heróico embasado em princípios morais e patrióticos. Tanto na **Ilíada** quanto na **Odisséia** demonstrava-se a tenacidade responsável pelo consequente triunfo do homem grego sob as diversidades advindas do embate contra outros povos e até mesmo com os deuses.

A virtude representada pela Arete não advinha de um privilégio de nascimento, como previa o sistema de nobreza por castas, mas era um direito conquistado. A sociedade urbana grega moldou sua estrutura sob os princípios da Arete, como afirma Jaeger:

A nova sociedade civil urbana tinha uma grande desvantagem em relação à aristocracia, porque, embora possuísse um ideal de homem e cidadão e o julgas-

⁵ Popper (1974, p. 84) afirma: “Platão e seu discípulo Aristóteles apresentavam a teoria da desigualdade biológica e moral do homem. Gregos e bárbaros são desiguais por natureza; a oposição entre eles corresponde àquela entre senhores naturais e escravos naturais.”

⁶ Em relação à *Arete*, Jaeger explica o seguinte: “O tema essencial da história da educação grega é antes o conceito de Arete, que remonta os tempos mais antigos. Não temos na língua portuguesa um equivalente exato para este termo; mas a palavra” virtude “na sua acepção não atenuada pelo uso puramente moral, e como expressão do mais alto grau cavalheiresco, unido a uma conduta cortês e distinta e ao heroísmo guerreiro, talvez pudesse exprimir o sentido da palavra grega” (JAEGER, 1979, p. 23)

se, em princípio, muito superior ao da nobreza, carecia dum sistema coerente de educação para atingir aquele ideal. A educação profissional, herdada do pai para o filho que lhe seguia o ofício e a indústria, não se podia comparar à educação total de espírito e de corpo do nobre, baseada numa concepção total de homem. Cedo se faz sentir a necessidade duma nova educação capaz de satisfazer os ideais do homem da pólis. (JAEGER, 1979, p. 312)

Assim sendo, o princípio básico da educação foi a formação de um “espírito” de coletividade a fim de fundamentar uma estirpe comprometida com a vida sob todos os aspectos ligada à pólis. Tal tarefa não é simples, pois exige uma reformulação no próprio modo de enxergar o mundo e, a partir daí, traçar novas perspectivas e metas a serem atingidas. Todo processo civilizatório possui este princípio, pois do contrário a própria civilização se converteria em uma nau rumo à inevitável extinção. Têm-se, inclusive, inúmeros exemplos históricos que comprovam isto. A Arete não deveria nem poderia ser privilégio de uma camada nobre por direito de sangue; antes, deveria ser difundida a todos os cidadãos. Os fundamentos desta “difusão” foram chamados de Paidéia, ou seja, o princípio da educação grega e de todo o pensamento ocidental.

Os gregos foram, assim, pioneiros em atribuir conscientemente à educação a tarefa de construir uma civilização. A educação, sob este ponto de vista, deveria ser um meio de igualar os cidadãos, superando os privilégios da nobreza de sangue, comuns nas sociedades arcaicas. Por ela os homens poderiam alcançar a Arete e, assim, legitimariam sua posição na sociedade como cidadãos. Neste sentido, a Educação atinge uma conotação de movimento, visto que por meio dela pode-se observar uma mobilidade social na da antiga estrutura arcaica e aristocrática • aliás, a visão da educação como mobilizadora social persiste até os dias de hoje. Por outro lado, as novas camadas de pessoas admitidas no seio da sociedade como cidadãos formariam também uma categoria social politizada, a qual sustentaria o ônus dos encargos políticos da pólis. Com estas considerações não estamos apenas discutindo as questões políticas da Grécia antiga, mas os fundamentos das políticas educacionais que influenciaram não somente o mundo grego, mas toda a cultura ocidental vindoura. Jaeger afirma:

O estado do século V é o ponto de partida histórico necessário do grande movimento educativo que imprime o caráter a este século e ao seguinte, e no qual tem origem a idéia ocidental de cultura. Como os gregos a viram, é integralmente político-pedagógica. Foi das necessidades mais profundas da vida do Estado que nasceu a idéia de educação, a qual reconheceu no saber a nova e poderosa força espiritual daquele tempo para a formação de homens, e a pôs ao serviço desta tarefa. (JAEGER, 1979, p. 313)

Nota-se assim que a idéia de cidadão estava intimamente atrelada à questão da Educação, que leva a concluir que também a idéia de Estado estaria ligada à

Educação, pois esta seria a responsável pela formação dos valores estruturadores da sociedade da época, igualando os cidadão mediante suas reais capacidades e não antigos valores tribais.

Deste modo, os conceitos de Estado e cultura aparecem correlatos, visto que toda a civilização grega engendrava-se sob um modelo político-pedagógico. Destarte, torna-se clara a confluência entre as idéias de Estado, Educação, cidadania e cultura, analisada sob o aspecto de civilização, conceito este que, por sua vez, anela-se aos precedentes. Nesta perspectiva, a Paidéia surge como um elo aglutinador de todos os valores que os gregos prezavam para compor sua cultura e sua civilização; o saber torna-se, portanto, uma poderosa força “espiritual” para a formação dos homens. O poder da Educação demonstra-se como um vigoroso movimento que parte da antiga estrutura aristocrática e expande-se para formar o cidadão crítico, consciente e apreciador da liberdade.

O pensamento grego através da Educação teve a capacidade de libertar o “espírito humano”, até então preso às amarras da religiosidade exacerbada, do estigma de privilégio de castas e do dogmatismo que fornecia suporte aos conceitos anteriores. O próprio conceito de *saber* difundido até então entra em colapso: o saber restrito, técnico e objetivo se destinaria a escravos, artesãos e camponeses; ao cidadão caberia o aprimoramento da Arete, o conjunto das virtudes do homem livre. Hegel, na obra *Introdução à história da filosofia*, afirma:

A genuína filosofia começa no ocidente. Só no Ocidente se ergue a liberdade da autoconsciência, desaparece a consciência natural e o espírito desce dentro de si próprio. No esplendor do Oriente desaparece o indivíduo; só no Ocidente a luz se torna a lâmpada do pensamento que ilumina a si própria, criando por si o seu mundo. A beatitude do Ocidente caracteriza-se pelo fato de nele o sujeito durar como tal e permanecer no estado de substancial, já que o espírito singular compreende o seu ser como universal, e a sua universalidade consiste nesta relação consigo mesmo. Este ser por si, esta personalidade e infinidade do eu, forma o ser do espírito; só assim ele é e não de outra maneira. Que um povo se reconheça livre e seja tal apenas enquanto universal, eis o que constitui o seu ser, o princípio de toda a vida moral e civil. Temos, por exemplo, a noção do nosso ser essencial no sentido que a liberdade pessoal é sua condição fundamental, e que nós por conseguinte não podemos ser escravos; se fosse lei o mero arbítrio do príncipe e este quisesse introduzir a escravatura, estamos certos que tal não sucederia. O dormir, o fugir, o estar às ordens de outro não constitui nosso ser essencial; mas sim o não ser escravo: isto tem a importância dum estado natural. Assim no Ocidente estamos no terreno da verdadeira e própria filosofia. (HEGEL, 1989, p. 147)

A complexidade crescente da idéia de Arete, que já não mais se satisfazia com o heroísmo ingênuo da *Ilíada*, resultou a partir do século V a C. em uma verdadeira

“revolução educacional”, pois a complexidade da vida urbana exigia novos saberes. Isto não significa a substituição da Arete, muito menos na corrupção de seus valores primordiais, mas em uma “reorganização” dos valores antigos em confluência com as exigências da sociedade urbana. Neste cenário, surge a importante figura do sofista que no momento exerceu um inestimável trabalho, no sentido de promover a Educação dos jovens gregos. Não obstante a Educação ter uma função estrutural na civilização grega, o Estado nunca tomou para si tal tarefa, o que a torna ainda mais descompromissada com o poder político e mais próxima aos valores de verdade, questionamento e liberdade. O sofista, como personagem no universo da filosofia, possui uma imagem controvertida e polêmica, graças aos mordazes ataques de Sócrates e Platão. No entanto, estes tiveram uma importância fundamental ao tomarem para si o papel dos primeiros educadores “laicos”, desvinculados dos sistemas de formação de religiosos, escribas ou ofícios.

Talvez as maiores falhas atribuídas aos sofistas não estejam relacionadas a seu método de ensino, mas às doutrinas redundantes e pretensamente infundadas que professavam; sabemos que muitos deles restringiam-se a fazer com que seus discípulos memorizassem os versos de Homero e Hesíodo, sem que daí surgissem profundas reflexões. Porém, o que se interessa observar é que com os sofistas inicia-se formalmente o processo de ensino e aprendizagem. Os primórdios da vida intelectual grega estavam quase exclusivamente restritos à poesia; esta, na falta de um sistema filosófico sólido, oferecia fundamentos de moralidade, patriotismo e virilidade. O sofista Protágoras, em diálogo com Sócrates, defende o seguinte sistema educativo:

Começando de pouquinho desde pequeno, enquanto vive é a criança instruída e educada neste sentido. Desde que ela compreende o que lhe diz, a mãe, a ama, o preceptor e o próprio pai conjugam esforços para que o menino se desenvolva da melhor maneira possível; toda palavra e todo ato lhes enseja oportunidade para ensinar-lhe o que é justo ou injusto, o que é honesto e o que é vergonhoso, o que é santo e o que é ímpio, o que pode e o que não pode ser feito. Se ele obedece, muito bem: caso contrário, como fazemos com as árvores inclinadas e contorcidas, são endireitados por meio de ameaças e processos violentos. Depois, o enviam para a escola e recomendam aos professores que cuidem com mais rigor dos costumes do menino do que do aprendizado das letras e da cítara. É o que os professores fazem; e quando o aluno aprende a ler, e começa a compreender o que está escrito, tal como o faziam antes com os sons, dão-lhe em seu banquinho a ler as obras de bons poetas, que eles são obrigados a decorar, prenhes de preceitos morais, com muitas narrações em louvor e glória dos homens ilustres do passado, para que o menino venha a imitá-los por emulação e se esforce para parecer-se com eles. Do mesmo modo procedem os professores de cítara; envidam esforços para deixar temperantes os meninos e desviá-los da prática de ações más. Depois de haverem aprendido a tocar cítara,

fazem-nos estudar a criação de outros grandes poetas, os líricos, a quem dão acompanhamento a lira, trabalhando, deste modo, para que a alma dos meninos se aproprie dos ritmos e da harmonia a fim de que fiquem mais brandos e, porque mais ritmados e harmônicos, se tornem igualmente aptos tanto para a palavra quanto para ação. Pois em todo seu decurso a vida do homem necessita de cadência e harmonia. De seguida, entregam-nos os pais ao professor de ginástica, para que fiquem com o corpo em melhores condições de servir o espírito virtuoso, sem virem a ser forçados, por fraqueza de constituição, a revelar covardia, tanto na guerra quanto em situações semelhantes. Assim procedem os que mais podem, e podem mais os ricos, cujos filhos começam muito cedo a freqüentar a escola e são os últimos a deixá-la. (PLATÃO, 1980, p. 62)

Os sofistas representaram a primeira tentativa de estruturação de um sistema educacional. Por mais que possam ser criticados pela escola socrática, o sistema sofisticado implantou uma nova idéia de Arete, baseada no saber e não apenas em valores heróicos e morais difundidos em seu tempo. Cabe-se até afirmar, ousadamente, que a “sofística” preparou um terreno fértil para a germinação do pensamento socrático. Observa-se neste momento histórico que Educação vista como fenômeno realiza um “movimento”, de acordo com o pensamento de Heráclito, no qual parte definitivamente de uma estrutura arcaica e aristocrática para adequar-se a uma nova visão de mundo que se descortinava, dando voz aos questionamentos do espírito humano que se seguiam à senda do infinito e inesgotável. Assim, a ideia de Arete torna-se ampla o bastante para compreender toda a demanda existencial do ser humano, pois suas fronteiras não se limitavam mais à mera virtude, mas à infundável busca pelo saber.

Protágoras e outros sofistas de seu tempo, embora criticados duramente por Sócrates, preconizaram a relevância da formação intelectual. Mesmo supervalorizando a importância da dialética, adotaram o sistema do *trivium* e *quadrivium* como estudos propedêuticos, ainda que a estes relegassem uma apreciação menor pelo fato de estarem a cargo de um pedagogo. Percebe-se claramente o nascimento da “Paidéia” não apenas como um sistema de ensino elementar, mas como o despertar consciente da ação da Educação e da cultura como formadoras do espírito humano. Não obstante ao mérito mencionado dos sofistas, as mudanças de paradigma a partir do século V a.C. não puderam se contentar com o frágil conhecimento retórico, pois este, parafraseando Marx, engendrou o germe de sua própria destruição: as reflexões geradas em seu seio produziram questionamentos que somente um sistema filosófico superior poderia satisfazer. A pólis demandava, pois uma atividade cultural permanente: o teatro, a poesia e a música constituíam itens básicos da vida cotidiana dos gregos. O aspecto representativo das artes, e não apenas sua função estética, contribuiu para exercitar a capacidade de reflexão dos cidadãos. Comumente discutia-se pelas

ruas e praças o enredo das peças teatrais ou se criavam polêmicas sobre o conteúdo das poesias declamadas, tal como se faz nos dias de hoje com filmes e novelas. Em todo o mundo grego, as artes assumem um caráter pedagógico, em que valores éticos são transmitidos de forma lúdica. Os sofistas aproveitaram-se desta tradição até terem seus métodos questionados por Sócrates, que reclamava um saber autônomo para o homem livre, governado pelas suas próprias idéias. Assim sendo, o ideal socrático encontra em tempo oportuno um terreno fértil para desenvolver-se.

O homem grego, ao contrário de seus contemporâneos, já absorvera o conceito de Educação (Paidéia) como um verdadeiro ideal nacional; a pólis, como foi dito, era uma verdadeira “máquina educativa”, e não só tinham os gregos plena consciência deste fato como também necessitavam disto para se manter.⁷ Cambi afirma o seguinte:

[...] será Sócrates quem irá mostrar a dramaticidade e a universalidade de tal processo (educativo), que envolve o indivíduo *ab imis* e busca sua identidade pela ativação de um daimon que traça seu caminho e pelo uso da dialética que produz a universalização do indivíduo pela discussão racional e pelo seu processo sempre renovado, a fim de atingir a virtude mais própria do homem, que é o “conhece-te a ti mesmo”. Estamos já no horizonte da Paidéia, daquele ideal de formação humana, da “formação de uma humanidade superior” nutrida de cultura e de civilização, que atribui ao homem, sobretudo uma identidade cultural e histórica. “Ela não parte do indivíduo, mas da idéia. Acima do homem-rebanho e do homem pretensamente autônomo, está o homem como idéia”, ou seja, “como imagem universal e exemplar da espécie” (Jaeger) nutrida de história e capaz de realizar os princípios da vida contemplativa. Esse humanismo ninguém o possui por natureza, ele é o fruto apenas da educação, e é o desafio máximo que alimenta todos os processos de formação. (CAMBI, 1999, p. 87)

A própria trajetória de vida de Sócrates fez dele o maior pedagogo da história da educação ocidental, e até mesmo sua morte foi usada até os instantes finais como uma última lição a seus discípulos. Sócrates ensinou o valor inegociável do conhecimento: a busca pela verdade não poderia ser impedida nem mesmo com a morte. Assim inicia-se no ocidente o verdadeiro movimento de indagação filosófica. Não se pode negar que o pensamento socrático fora influenciado pelas escolas anteriores, como a cosmologia de Anaxágoras e a poesia de Aristófanes; seus estudos iniciam-se pela geometria e pela cosmologia, mas foi pelo questionamento sobre a vida cotidiana que se tornou célebre. Os questionamentos intelectuais dos gregos nesta época davam vazão às reflexões a respeito da natureza e do cos-

⁷ O estado grego nunca foi coeso do ponto de vista político, por isso perdeu sua autonomia política; contudo, permaneceu como modelo cultural para todo mundo ocidental.

mos, mas Sócrates modificou o foco das indagações e passou a buscar respostas sobre a natureza do homem, como se este fosse um microcosmo a ser explorado. E foi exatamente neste momento que teve início a filosofia ocidental, tal como a conhecemos. O ser humano, visto como um universo extremamente complexo valeria mais a pena ser perscrutado que o mundo supraterrâneo.

Ao contrário dos sofistas, que pululavam na Atenas do século IV a.C. revestidos de uma aura de sapiência e só se dignavam a falar nas casas de cidadãos abastados para um seletor, Sócrates não se dirigiu, a princípio, aos membros notáveis da sociedade, nem cobrava por suas palestras; o filósofo usava os espaços públicos como ginásios e praças ou ocasiões especiais como banquetes para dirigir-se a seus ouvintes. Apresentava-se como um homem simples e não preparava suas “conferências”, falava sobre o cotidiano e usava exemplos do dia a dia como ilustração. Assim foi capaz de refutar e desmontar todo o arcabouço pré-fabricado dos argumentos sofisticados, tidos até então como verdadeiros. Sócrates, na verdade, não apresentava novos conhecimentos, mas refutava os que já existiam e levantava novos questionamentos sobre a visão de mundo de seu tempo. As explicações plenas de razões dogmáticas dos sofistas se revelaram frágeis demais para se contraporem às indagações socráticas. Contudo, seria por demasiado simplista pensar que o pensamento deste filósofo se restringisse a meras especulações, pois o método socrático deu início ao processo de filosofar, expandindo a visão do homem ocidental, fazendo que ele fosse capaz de visualizar o universo a partir de si mesmo.

O mais importante, no entanto, foi a transmissão da mensagem educadora de Sócrates: o filósofo estava plenamente consciente de sua missão como educador, preocupando-se sobretudo com a “alma” dos cidadãos e não apenas com sua posição social, convicções religiosas ou políticas. A educação, acima de tudo, seria o bem mais precioso, pelo qual valeria a pena lutar e até morrer, como ele mesmo o fez, visto que cuidar da alma, no sentido intelectual, seria uma missão suprema. A “alma”, no sentido socrático, representava a essência do espírito pensante; assim, a educação adquiria uma importância fundamental até então desconhecida, pois os gregos davam grande importância ao cultivo do corpo através da ginástica e da oratória desenvolvida por meio da arte da Retórica. Platão, na obra **Apologia a Sócrates**, relata as seguintes palavras de Sócrates, demonstrando sua preocupação com a educação dos jovens:

Cálias, se teus dois filhos fossem dois potros ou duas vitelas, terias de encontrar e pagar uma pessoa que tomasse conta deles, que tivesse a capacidade de lhes ensinar as virtudes para serem acrescentadas à sua natureza, e eles se tornariam cavaleiros ou agricultores; mas teus filhos são homens; que educação, então tencionas proporcionar-lhes? Quem entende das vir-

tudes que lhes são necessárias, ou seja, das virtudes do homem cidadão? Acredito que pensaste a respeito disso quando puseste os filhos no mundo. (PLATÃO, 1999, p. 69)

O sistema filosófico e educativo socrático ousou desafiar o modo de vida grego secularmente estruturado; sabe-se o preço desta ousadia, mas o intento final fora conquistado. Os gregos prezavam sobremaneira um modo de vida hedonista, valorizando, sobretudo, o belo e o prazer. Sócrates foi incomodamente incisivo quando seus questionamentos fizeram desmoronar as estruturas frágeis sustentadas pelos sofistas de seu tempo: os conceitos de verdade, do bem e da moral foram inseridos no círculo das discussões e isto por si só demonstrou a superficialidade das palestras dos sofistas e mais ainda a precariedade do “sistema de educação” vigente até então.

A questão educacional fora apartada da religião, pois o conceito de alma estava ligado ao aspecto intelectual e não “espiritual” (religioso), daí observa-se o fato do filósofo ter sido acusado de ateísmo. Os pensadores posteriores, tais como Platão e Aristóteles, também trataram à sua maneira a questão da alma, mas esta já estava definitivamente dissociada do aspecto religioso. Platão, em alguns aspectos, foi mais harmônico que seu mestre: associou o conceito de *belo* aos princípios socráticos de *bem* e *verdade*, assim estabeleceu uma coesão perfeitamente aceitável entre a filosofia, a educação e o modo de vida grego. Platão não foi menos incisivo que Sócrates, mas foi mais “polido”, soube conquistar o respeito e admiração dos cidadãos de toda a Grécia. Para isso utilizou as mesmas técnicas de seu mestre, mas, adequando-as ao gosto dos homens de seu tempo, soube compreender que a filosofia e a educação não podem ser “engolidas goela abaixo”, devem, antes, ser “saboreadas”. A imagem de *Hedonismo* como ideal foi substituída pela *Eudaimonia*, ou seja, instituiu-se o conceito da busca crítica pela verdade como parte dos ideais da virtude. Daí pode-se entender em que contexto Platão cria a alegoria do “Mito da caverna”. Esta parábola não representa apenas uma fábula para divertir as rodas de discussão, mas demonstra o perigo real da prisão da consciência em meio a uma pseudo-realidade fabricada.

Platão foi capaz de mostrar ao mundo de seu tempo que a verdadeira virtude se encontrava na busca da verdade, e a beleza, tão cara aos gregos, encontrava-se não somente nas coisas materiais, mas era uma força vital que emanava de tudo, e poderia ser somente captada pelos olhos da alma, que, por sua vez, deveriam estar revestidos de sensibilidade e conhecimentos. Nesta perspectiva, conclui-se que não se pode sequer enxergar o mundo verdadeiro tal como ele é sem uma preparação prévia do espírito; isto justifica a criação de um sistema educativo em que o conhecimento pudesse ser transmitido de forma livre e descompromissada de dogmatismos. Embora Sócrates não tenha fundado uma escola propriamente

dita, possibilitou a Platão e Aristóteles formularem as bases de um sistema educacional no qual pudessem desenvolver seu pensamento filosófico. Sócrates inclusive atribuía um aspecto prático à educação, pois somente por meio dela o homem atingiria sua plenitude de caráter e, por conseguinte, a felicidade. Jaeger afirma:

Assim, pois, a redobrada atenção que Sócrates dedica às “coisas humanas” actua como princípio selectivo no reino dos valores culturais vigentes até então. Por trás da pergunta: “até onde se deve levar um estudo?” ergue-se esta outra, mais importante: “para que serve esse estudo e qual é a meta da vida?”. Sem dar uma resposta a tal pergunta, não seria possível uma educação. (JAEGER, 1979, p. 501)

Sob este aspecto, Sócrates foi mais realista que seu discípulo Platão, que previa uma sociedade perfeita somente poderia ser governada por reis filósofos. Em sua concepção o ser humano poderia perfeitamente criar um mundo harmonioso, sem que isto se caracterizasse apenas como delírios utópicos. Segundo Sócrates, seria necessário construir primeiramente o interior de cada homem para que, a partir daí, estes construíssem a pólis ideal, justa e igualitária. Neste meio os homens seriam iguais pelas suas virtudes, aperfeiçoadas pela educação, e estariam aptos a governar e serem governados como seres verdadeiramente livres.

Considerações finais

A questão da liberdade sempre esteve em pauta quando se discute humanismo. Ao longo da história da filosofia, muitos pensadores afirmaram que o homem é um ser livre por natureza, porém vive em constante embate entre com as forças que pretendem subjugar-lo. Descartes nos fala da tirania das paixões; Freud, das forças indomáveis da natureza animal etc. Seria possível citar inúmeros outros a título de exemplo, mas é oportuno voltar às reflexões socráticas, cujo autor afirma que o homem só é verdadeiramente livre quando está afastado dos vícios e possui o domínio de si mesmo “daí o famoso aforismo: *“conhece-te a ti mesmo”*. A liberdade seria, portanto, um alento capaz de fazer com que o homem sintasse completo consigo mesmo, alcançando assim o patamar dos heróis olímpicos. Estas figuras metafóricas representavam a luta do bem contra o mal: o homem mais fraco, porém mais inteligente, seria capaz de vencer as forças mais numerosas, mas tacañas do mal.

Os ideais socráticos não se perderam com sua morte, ao contrário, tornaram-se mais forte e sistematizados, sendo materializados pela escola fundada por Platão no fim do século IV a.C.:

Com relação à Academia, o que se pode dizer com segurança é que o seu fundador soube assentar a nova instituição em alicerces muito sólidos. Em

toda a história da cultura grega não há notícia de uma escola deste tipo que durasse 900 anos. Fundada no ano 387 antes de Cristo, só veio a ser dissolvida no ano 529 da nossa era, por decreto do Imperador Justiniano. Tal foi o cuidado que Platão delineou o seu projeto e o devotamento com que dirigiu a academia nos quarenta anos que ainda lhe restariam de vida. (NUNES, 1980, p. 6)

Esta perspectiva não apenas educacional, mas vivencial perdurou pela Antiguidade e prosseguiu até a consolidação dos valores cristãos na Idade Média.

Referências

CAMBI, F. *História da pedagogia*. Trad. Álvaro Lorencini. São Paulo: Unesp, 1999.

DILTHEY, W. *Introducción a las ciencias del espíritu*. Trad. Julián Marias. Prólogo José Ortega Y Gasset. Madrid: Alianza Editorial, 1980.

GADAMER, H. G. *Verdade e método*. Trad. Flávio Paulo Meurer. Petrópolis: Vozes, 1997.

HEGEL, G. W. F. *Introdução à filosofia da história*. Trad. Orlando Vitorino. 4. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1988.

JAEGER, W. *Paidea, a formação do homem grego*. Trad. Artur M. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1979.

MERLEAU-PONTY, M. *Fenomenologia da percepção*. Trad. Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

NUNES, C. A. Prefácio. In: PLATÃO. *Diálogos*. Trad. Carlos Alberto Nunes. Belém: Universidade Federal do Pará, 1980. vol. III e IV.

PLATÃO. *Apologia a Sócrates*. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

_____. *Diálogos*. Trad. Carlos Alberto Nunes. Belém: Universidade Federal do Pará, 1980. v. III e IV.

POPPER, K. R. *A sociedade aberta e seus inimigos*. Trad. Milton Amado. Belo Horizonte: Itatiaia, 1974.